



Chrys Chrystello*

Perguntas sem resposta viral

“Ao fim de tantos dias em casa estarei a ficar paranico com as notícias de mais e mais casos na Espanha, Noruega, China, Itália, etc...? Espero que não, mas gostava de ter mais certezas e mais respostas, mas suspeito que aqui nos Açores vamos ter de nos desenrascar sozinhos e sem meios para o que aí vem... Cancelem as obras faraónicas e vão buscar ventiladores ao fim do mundo para termos algumas hipóteses de sobrevivência.”

Acordo neste oitavo dia de quarentena autoimposta, ainda me sinto saudável mas assolado por dúvidas.

Se só há ou havia 4 ventiladores nos Açores o que foi feito para arranjar mais para mais hospitais e/ou centros de saúde? O Presidente da Câmara Municipal do Porto arranjou maneira de os chineses trazerem mais alguns, e nós cá o que fizemos, o que estamos a tentar fazer?

Faltam máscaras por toda a parte, será que algo foi feito para termos mais e para as distribuirmos por hospitais e pela população em geral? Eu encomendei as que pude e não eram baratas. O meu filho ontem teve de ir à farmácia e ao veterinário com uma e olhavam para ele como se tivesse a lepra, mas o normal era ele usar uma para tentar reduzir os riscos. Depois de chegar despiu-se e toda a roupa foi lavada a 60 °C. Mas não vejo muitas recomendações nesse sentido para os que trabalham fora de casa? Ou será porque vivo numa zona rural da costa norte de S Miguel e os vaqueiros pensam que não contrair o vírus nas vacas? Se calhar nem sabem que o vírus existe pois continuam a frequentar os cafés e tascas como se nada se passasse.

Quando formos atingidos como vai ser? A Força Aérea vai evacuar todos os infetados como estava previsto? E haverá lugar para eles serem tratados na Península Ibérica? Cá, já sabemos que não temos meios para os tratar. Temos meios da Força Aérea para acudir a todas as ilhas que precisem de evacuar doentes?

Tudo isto me preocupa e fico sem respostas, quando em volta a vida no campo decorre como se nada se passasse, excetuando as escolas fechadas a vida aqui decorre normalmente na calma ancestral destas freguesias rurais.

E quando não houver ventiladores para os doentes normais de Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica que cá temos, a minha mulher sofre duma doença deste tipo e eu preocupo-me...) e quando não houver meios de evacuar os doentes nas outras ilhas?

Falta álcool etílico nas farmácias e grandes superfícies e ontem no jornal anunciavam duas lojas em Ponta Delgada a vender pequenos frascos a 15 euros. Pergunto onde anda a nossa ASAE (IRAE) depois destas denúncias?

Ao fim de tantos dias em casa estarei a ficar paranico com as notícias de mais e mais casos

na Espanha, Noruega, China, Itália, etc...? Espero que não, mas gostava de ter mais certezas e mais respostas, mas suspeito que aqui nos Açores vamos ter de nos desenrascar sozinhos e sem meios para o que aí vem... Cancelem as obras faraónicas e vão buscar ventiladores ao fim do mundo para termos algumas hipóteses de sobrevivência. Isto são meios pequenos e fechados, se um apanha toda a freguesia fica contaminada, é assim em circuito fechado que a vida nestes locais funciona... Talvez não tanto em ponta Delgada, Angra ou outras cidades e vilas...

E aqui fico a aguardar o desastre anunciado, enquanto em Lisboa o Presidente da República se esconde e convoca um órgão consultivo de velhos sem contacto com a realidade, pois quer escudar-se se a sua decisão correr mal, o que corre mal é a sua indecisão... e o governo da república que quer a todo o custo manter a economia a funcionar, não entende que ela vai parar, mais tarde mas de forma mais prolongada, quanto mais tarde a parar.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 [Australian Journalists' Association MEAA]



Tânia Ferreira

Conto curto

Emergência

O país está em estado de emergência e eu estou em estado de urgência de sentir a tua pele na minha. Urge o abraço apertado e o beijo doce, urge combater o invisível que me afasta de ti.

Sinto-me a materialização da saudade, apercebi-me que mesmo que estejas à distância do meu olhar, o desassossego do coração mantém-se, agrava-se. O amor só se conforta nos toques da alma e do corpo.

Sinto-me um ser amputado, de que servem os braços, as mãos e os lábios, se não há o abraço, o afago e o beijo. Voltarei a ser inteira em ti e compensar-te-ei por todos os afetos carnis que ficaram por dar.

Entretanto, acarinho-te a alma.

